

JAIRO, O FURTA-CORES

(Excerto do livro RAFAELA EM QUEDA – Cyro Leão)

Uma das bonitas histórias que meu irmão me contava em nossa infância era a de Jairo, o furta-cores. Não será difícil recordá-la, pois sei do que Jairo é feito.

...

Jairo nasceu todo cores. Difícil afirmar se isso se deu pela mestiçagem – negros, amarelos, brancos, índios e até sangue azul – ou pelo parto complexo, envolto de vermelho-hemorragia, fórceps prateado e placenta afogueada; pelos banhos de sol artificial por causa da icterícia; pelos olhos de tonalidades diversas que mudavam sempre de cor, mimetizando os ambientes, os climas e humores; pelo branco-hospital que servia de fundo para as cirurgias oculares por que passou e os tratamentos na tentativa de corrigir distúrbios de cones e bastonetes. Se aquela profusão de matizes em seu desenvolvimento – mesmo que às vezes tenham prevalecido o preto-e-branco e o cinza – exerceu influência determinante em Jairo, ninguém saberá. O certo é que sua vida ficou marcada, ou manchada, pelas cores. E quando abriu os olhos por definitivo, já homem feito, era todo cor. Muitas cores.

Nada do que fizesse ou sentisse jamais era dissociado de uma tonalidade. Chorar era roxo, beijar, lilás, gritar, chumbo, sorrir, alaranjado, pensar, sépia, andar, cáqui, sonhar, branco, correr, vermelho, parar, cru. Dentro de si criou muitas cores novas, inexistentes, escalas jamais vistas, combinações inusitadas, uma cor de todas as cores, cores de nenhuma cor, cores sem nome, sem referência, sem precedência ou possibilidade, cores que jamais existiram ou existirão. A cor do escuro, do inaudito, do impossível, do esquecimento, da vontade, da preguiça, do cansaço e do louvor. Criou a cor do espírito, do começo de tudo, do fim do mundo. A cor do tempo, da espera de cada segundo. A cor mais linda, inimaginada. A mais terrível, mais feia que a cegueira. A cor do invisível – que jamais alguém verá. Criava tudo dentro de si, onde se misturava em infinitas paletas nas quais se lambuzava e se perdia, para voltar sempre mais vivo e cheio de fulgor.

...

Fácil adivinhar que Jairo quis ser pintor desde cedo. Um artista maior, que se banharia em tintas, num mergulho de renascimento, batizando o próprio mundo com luzes tão improváveis que seria decretada uma nova escola, um movimento guiado por técnicas e cromatismos inéditos, alcançando horizontes imprevisíveis. Sonhava que seu paraíso seria seu estúdio e suas telas, de onde saíam delírios pictóricos que poriam abaixo todos estudos de escalas e pigmentos já concebidos. Seus dedos seriam os pincéis e a tinta seu sangue, seus humores, excreções e tudo mais que precisasse para conseguir externar um pouco do mundo que dentro represava e contemplava solitário. Sorveria tudo que tivesse à mão para devolver à humanidade uma revolução nas artes, nas percepções vulgares, nos padrões medíocres de imagens caducas, viúvas da beleza...

Mas nada estava mais longe de sua realidade social e financeira. Era pobre, sem recursos para pôr nas telas as obras que já trazia em si. Ao perceber a impossibilidade de seu sonho, correu para buscar alternativas. As que surgiam eram sempre pálidas perto de seu potencial: tentou uma galeria aqui, vender uns quadros ali, mas tudo que conseguiu foi uma vaga de assistente em uma produtora de som para propagandas de varejo.

Não desistiu e, mesmo enfiado nos escuros estúdios de gravação, imaginava cores para cada som, cada nota musical produzida, transformando as escalas sonoras em escalas de cor. Reconhecia um timbre, uma guitarra ou uma voz por identificá-la como grená, ocre, anil ou qualquer uma de suas infinitas cores sem nome. Brincava que esse som estava quase preto, aquele excessivamente dourado, outro aborrecidamente bege, tudo de si para si, sem que ninguém soubesse. Pois brincava dentro de um mundo silencioso, em que não havia ruído e tudo era uma harmonia cromática só.

Era comum ficar até mais tarde no estúdio, ou ter que trabalhar nos fins de semana e feriados, principalmente quando surgiam pedidos grandes, como sonorizar comerciais para redes de supermercados, promoções de queima de estoque em concessionárias de automóveis ou lojas de departamentos.

...

Foi o que aconteceu numa sexta-feira de Carnaval, quando mais de nove da noite e já cansado,

saiu para comer numa lanchonete próxima. No trajeto admirou-se como o céu estava estrelado e lamentou estar perdendo aquele espetáculo. Na volta, viu de longe a moça que trabalhava no financeiro da empresa conversando com alguém à porta do escritório – essa mulher sempre o incomodou, mesmo sem conhecê-la direito, só por sua presença tão sem graça e descolorida. Para evitá-la rodeou a casa, esquivando-se, e entrou pelo portão da garagem, nos fundos, onde havia uma pilha de espumas usadas no estúdio para abafar sons. Ao ver o monte não se conteve e jogou-se de costas, sendo recebido numa queda confortável, silenciosa e aconchegante.

Ali deitado pode observar melhor o belo céu que cobria a noite e resolveu deter-se um tempo naquela posição agradável, de barriga pra cima e olhos nas estrelas. Admirando o céu salpicado de brilhos, passou a imaginar instintivamente uma cor para cada uma daquelas luzes que piscavam, surpreso por nunca ter pensado nisso antes pois, se a infinidade de pontos não chegava a ser um desafio, por certo seria uma distração bem agradável. Passado algum tempo na tarefa de pintar a noite, Jairo já tinha sobre si uma imensidão de cores reunidas: cada estrela se tornara um pequeno ponto de uma grande retícula densa e carregada de matizes, num resultado incrível e assombroso.

Extasiado com o espetáculo estelar que ele mesmo criara, Jairo quis mais. E ao sentir uma primeira gota d'água cair em seu rosto, teve uma ideia que parecia absurda, mas genial, e que pôs em prática sem demora. Tentaria dissolver o próprio firmamento, agora pontilhado com milhões de cores, em milhões de gotas coloridas, fundindo-as com cada pinga da chuva que se iniciava, criando um temporal de estrelas coloridas a despencar sobre a Terra. O plano deu certo e as estrelas se precipitaram obedientemente, encharcadas, numa explosão de cores espetacular, como um show de fogos de artifícios lançados em sentido inverso: do céu para a terra. E sem uma única cor repetida.

...

Banhado de luz, Jairo voltou para o ambiente de trabalho, onde restavam apenas dois últimos colegas, editando um *jingle* obscuro qualquer que deveria ir para as rádios no dia seguinte. Eles riram de sua aparência, molhado da cabeça aos pés, - “Ih!, a chuva te pegou, é?” – e o mandaram para o banheiro, entregando-lhe uma toalha listrada, irisada.

Enquanto se enxugava, Jairo sentiu que não estava passando bem e decidiu ir embora. Em casa tomou um banho, quase vermelho de tão quente e deitou-se. Mesmo sendo Carnaval preferiu deitar-se. Mesmo que tivesse sido convidado para uma grande festa, um baile desses a que nunca tinha ido e em que se dança, canta e beija a noite toda em salões decorados com alegorias coloridas e pessoas vistosas, teria recusado. Preferiria dormir mesmo assim.

...

Jamais passara uma noite tão estranha, com pesadelos tão desordenados e nada psicodélicos, pois desprovidos de qualquer profusão de cores. Primeiro era tudo névoa, embaçamento, em que mal discernia elementos e paisagem, caminhando como um míope sem óculos. Devagar, avançava aflito, a visão restrita como na serra com neblina. Não havia nem mesmo um som que o orientasse, era tudo silêncio denso, uma opacidade que não conseguia definir se vinha de fora ou de dentro dele.

De repente o nevoeiro começou a se dissipar e nos espaços em que a densidade ia se fazendo rarefeita, pequenas clareiras se abriam.

Mas à medida que esses clarões surgiam, algo ainda mais esquisito se dava. Jairo notou que o que era turvo ia se tornando nítido demais, límpido ao extremo. O mundo que o envolvia ia se transformando em algo tão cristalino, que começou a ficar transparente, a ponto de não permitir que ele enxergasse os objetos, mas fazendo com que sua visão atravessasse tudo, sem se deter em superfície alguma ou se fixar em qualquer ponto, num mergulho translúcido sem fim.

E como seu olhar avançava através de tudo que existia, não se retendo em nada, o mundo ia lhe ficando invisível. Ele sabia que todas as coisas continuavam lá, mas tão transponíveis, que era como se cada detalhe fosse feito de ar, ou de um vidro tão puro que não se podia enxergar.

...

Ao acordar logo cedo dessa noite meio sombria, meio incolor, sentiu-se asfixiado, com a necessidade urgente de sair do pequeno apartamento que, apesar de minúsculo, era um ambiente de extraordinária experiência para o olhar. Cada parede era revestida com tintas e mais tintas salpicadas, que se fundiam em abstrações e pontilhados, saturando a visão de quem entrasse ali,

mesmo se restringisse a atenção à área de um único tijolo (para Jairo, no entanto, aquilo era uma brincadeira apenas, um passatempo para deixar o ambiente mais vivo e agradável aos olhos).

Saiu para a rua imediatamente para não sufocar, mas o desconforto permanecia. Percebeu que alguma coisa anormal estava acontecendo com ele. Não precisou de muito tempo para notar que tudo à sua volta se fragmentava em *pixels*, numa explosão de partículas minúsculas que transformava a realidade, fazendo com que toda matéria existente chegasse a ele desconstruída em um fluxo de radiações e ondas intensas, que ele tentava ordenar, manipulando infinitos pontos de cores, que se justapunham e se amontoavam em sua retina e voltavam para o mundo em um movimento frenético e saturado.

Espantado e encantado, continuou andando, decompondo e distorcendo pessoas, carros, as construções, o ar, como um prisma ambulante. Estava gostando muito daquilo, sentindo-se como um artista que finalmente gerava sua primeira obra-prima – muito além de pontilhismos, fauvismos e outras técnicas, porque estava criando uma obra viva. Abrira mão de cavaletes e paletas para produzir uma vibrante intervenção no espaço, usando a si mesmo nessa performance revolucionária.

Realizava enfim seu grande sonho: tornara-se um mestre da cor, fazendo do próprio mundo seu ateliê e sua arte. Em vez de representar paisagens em uma tela, estava interferindo na própria natureza, filtrando e reorientando suas cores, recriando tudo ao seu redor, numa experiência singular e sem limites.

...

Ao passar por uma meninada em folia com o sábado de Carnaval, atrapalhou-se e se surpreendeu com o que viu. Eles enchiam suas mãozinhas com porções de confete e as arremessavam para o ar – e em quem passasse perto deles. Repleto de vida e matizes, Jairo resolveu participar da brincadeira e enfiou-se no meio das rodelinhas multicoloridas que davam ao mundo uma beleza maior, ainda mais fragmentada e estilhaçada do que tudo que tinha visto até então. Envolvido pelos confetes, o próprio Jairo foi se confundindo e decompondo em um cromatismo intenso e uma troca em que se misturava aos pedacinhos de cor, fundindo-se em cada um deles.

...

Surpresa maior foi a da garotada que, após despejar todo arsenal de confetes naquele moço engraçado, assustou-se, pois ele havia sumido e tudo que restava agora era um grande monte de papeizinhos com cores abundantes pelo chão.

Leia Rafaela em Queda:

<https://www.amazon.com.br/dp/8582978774>